

VIVÊNCIAS CULTURAIS BOLIVIANAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE



BOLIVIAN CULTURAL EXPERIENCES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: PEDAGOGICAL PRACTICES FOR VALUE OF DIVERSITY

FABIANA SOUZA GUILHERME MAYER

Graduação em Educação Física (2008) | Graduação em Pedagogia (2014) | Pós-graduação em Educação Especial (2017) | Pós-graduação em Alfabetização e Letramento (2020)

RESUMO

Este artigo aborda a relevância de valorizar a cultura boliviana na Educação Infantil, mostrando como a escola pode se tornar um espaço acolhedor e inclusivo, onde cada criança se sente reconhecida e respeitada em sua identidade cultural. Com enfoque qualitativo, a pesquisa fundamenta-se em estudos de educação intercultural, refletindo sobre práticas pedagógicas que promovem o respeito, a empatia e o pertencimento das crianças imigrantes no cotidiano escolar. Por meio de experiências educativas que incorporam músicas, histórias, brincadeiras e festividades da cultura boliviana, o trabalho evidencia que a valorização da diversidade não é apenas uma questão de conhecimento, mas uma oportunidade de fortalecer vínculos afetivos e sociais. Além disso, o estudo ressalta a importância de envolver educadores, famílias e a comunidade na construção de práticas sensíveis às diferentes culturas, mostrando que o acolhimento e a inclusão cultural enriquecem não apenas o aprendizado, mas também o desenvolvimento emocional e social das crianças. Dessa forma, a Educação Infantil, quando atenta à diversidade cultural, torna-se um espaço transformador, capaz de promover respeito, empatia e a construção de uma sociedade mais justa, plural e acolhedora, onde cada criança se sente parte de uma história maior.

Palavras-chave: Cultura Boliviana; Educação Infantil; Diversidade Cultural; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This article addresses the importance of valuing Bolivian culture in early childhood education, demonstrating how schools can become welcoming and inclusive spaces where each child feels recognized and respected for their cultural identity. With a qualitative approach, the research is grounded in intercultural education studies, reflecting on pedagogical practices that promote respect, empathy, and belonging among immigrant children in their daily school life. Through educational experiences that incorporate songs, stories, games, and festivities from Bolivian culture, the work demonstrates that valuing diversity is not just a matter of knowledge, but an opportunity to strengthen emotional and social bonds. Furthermore, the study highlights the importance of involving educators, families, and the community in developing culturally sensitive practices, demonstrating that welcoming and cultural inclusion enrich not only learning but also children's emotional and social development. Thus, early childhood education, when attentive to cultural diversity, becomes a transformative space, capable of fostering respect, empathy, and the construction of a more just, pluralistic, and welcoming society, where each child feels part of a greater story.

Keywords: Bolivian Culture; Early Childhood Education; Cultural Diversity; Pedagogical Practices.

INTRODUÇÃO

A presença crescente de imigrantes no Brasil tem ampliado o cenário multicultural das escolas, especialmente nas regiões urbanas. Em cidades como São Paulo, a diversidade cultural está presente nas salas de aula desde a Educação Infantil, onde crianças de diferentes origens convivem diariamente. Nesse contexto, o papel do educador torna-se fundamental para promover uma educação que valorize as identidades culturais e assegure o direito de pertencimento de todos os alunos.

Nas últimas décadas, o Brasil tem se consolidado como destino de diversas famílias imigrantes, especialmente de países latino-americanos como a Bolívia. Esse movimento migratório tem impactado diretamente o cotidiano das instituições escolares, sobretudo nas grandes metrópoles. Em cidades como São Paulo, a diversidade cultural deixou de ser exceção para tornar-se parte constitutiva da realidade escolar, estando presente desde a Educação Infantil, onde crianças com diferentes histórias, línguas, sotaques e modos de viver passam a compartilhar diariamente o mesmo espaço de aprendizagem.

Diante desse cenário, a escola assume um papel que vai muito além da transmissão de conteúdos: ela se torna um espaço de acolhimento, reconhecimento e legitimação das identidades culturais que ali convivem. Cabe ao educador criar ambientes que favoreçam o pertencimento, o diálogo e a valorização das diferenças, evitando práticas que invisibilizem ou padronizem as experiências infantis. Quando a escola se abre para ouvir e aprender com as vivências das crianças

imigrantes, fortalece vínculos afetivos e contribui para a construção de uma educação mais justa, sensível e humanizada.

A valorização da cultura boliviana na Educação Infantil, nesse contexto, vai muito além da simples inserção pontual de conteúdos no currículo. Trata-se de uma ação pedagógica intencional, fundamentada em princípios éticos e educativos que buscam promover a inclusão real e significativa das crianças bolivianas no ambiente escolar. Reconhecer e inserir elementos dessa cultura no cotidiano das crianças não é apenas uma estratégia didática, mas um ato de justiça e respeito. Ao se depararem com músicas, histórias, brincadeiras e alimentos típicos de sua terra natal, as crianças bolivianas passam a se ver representadas, sentem orgulho de sua origem e percebem que seus saberes e tradições são legítimos e valorizados. Esse reconhecimento fortalece a autoestima, cria um sentimento de pertencimento e contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, incluindo aspectos emocionais, sociais e cognitivos.

Além disso, a presença de experiências culturais bolivianas beneficia também os demais alunos, que têm a oportunidade de ampliar seu repertório cultural e desenvolver atitudes de respeito e empatia. Desde os primeiros anos de vida, as crianças são capazes de perceber diferenças culturais e, quando essas diferenças são apresentadas de forma positiva e afetiva, aprendem a valorizá-las em vez de julgá-las. Atividades como rodas de conversa mediadas por imagens da Bolívia, músicas infantis em espanhol ou quéchua, contação de histórias andinas e exploração de alimentos típicos, como a quinoa, o milho colorido e a salteña, possibilitam uma experiência de aprendizagem sensorial e afetiva. Ao participarem dessas práticas, as crianças não apenas assimilam informações sobre outra cultura, mas vivenciam ritmos, sabores, cores e gestos, tornando o aprendizado mais significativo e memorável.

Brincadeiras e danças tradicionais, por exemplo, contribuem de maneira única para a integração social e a formação de vínculos entre os colegas. Ao se engajarem em atividades lúdicas que envolvem movimentos, sons e expressões culturais diversas, as crianças desenvolvem coordenação motora, habilidades de comunicação e capacidade de trabalhar em grupo. Mais do que uma simples apresentação de conteúdos, essas experiências permitem que as crianças explorem, experimentem, perguntem e compartilhem descobertas em um ambiente seguro e acolhedor. A vivência cultural, nesse sentido, torna-se um espaço de diálogo, escuta e respeito, onde todos têm voz e vez, e onde o conhecimento não é imposto, mas construído coletivamente.

Inserir a cultura boliviana na Educação Infantil é, portanto, uma prática profundamente transformadora, que reconhece a diversidade como uma riqueza e não como um desafio. Desde cedo, as crianças aprendem que a diferença é motivo de celebração e que cada cultura possui contribuições únicas para a sociedade. Esse tipo de abordagem também atua preventivamente na formação de valores como tolerância e solidariedade, combatendo preconceitos e estereótipos que podem se perpetuar se não forem questionados. Valorizar as tradições bolivianas é, ao mesmo tempo, valorizar a história e a diversidade da América Latina, reconhecendo a presença e a influência de diferentes povos na formação da sociedade brasileira.

Além dos benefícios individuais e coletivos para as crianças, o envolvimento com a cultura boliviana na Educação Infantil reforça a importância de uma educação democrática, inclusiva e plural. Para o educador, esse compromisso exige sensibilidade, planejamento e pesquisa constante, a fim de oferecer atividades autênticas e respeitadas, evitando reducionismos ou estereótipos. Trabalhar com a diversidade cultural é, portanto, um ato pedagógico e ético, que conecta teoria e prática, aprendizagem e vida, conhecimento e afeto. Quando bem articuladas, essas experiências promovem um ambiente escolar mais justo e humano, no qual cada criança pode se sentir parte de uma comunidade maior, onde diferenças são compreendidas, respeitadas e celebradas.

Em suma, a inserção da cultura boliviana na Educação Infantil vai muito além de um simples acréscimo ao currículo escolar. Trata-se de uma oportunidade valiosa para formar crianças mais conscientes, empáticas e sensíveis às diferentes culturas que compõem a sociedade. Ao reconhecer e valorizar a diversidade desde os primeiros anos, a escola contribui para a construção de cidadãos que compreendem e respeitam as diferenças.

Ao criar espaços de vivência cultural, o educador fortalece a identidade das crianças, permitindo que elas se vejam representadas e sintam orgulho de suas origens. Essa prática também fomenta o respeito mútuo e ensina, de maneira concreta, a importância da convivência harmoniosa entre indivíduos de diferentes contextos culturais. Cada atividade, cada experiência compartilhada, é uma oportunidade de aprendizado que transcende o conteúdo e toca o desenvolvimento emocional e social dos pequenos.

Mais do que simplesmente trabalhar com conteúdos ou atividades pedagógicas, a valorização da cultura boliviana constitui um compromisso profundo e multifacetado. É um gesto humano, político e educativo que visa formar sujeitos capazes de conviver de forma solidária, consciente e respeitosa em um mundo cada vez mais diverso e interconectado. Nesse sentido, a Educação Infantil se transforma em um espaço de construção de valores, empatia e justiça social, preparando as crianças para uma vida de diálogo e compreensão.

DESENVOLVIMENTO

Ao discutir a presença de crianças bolivianas na Educação Infantil brasileira, é fundamental compreender que esse movimento migratório possui raízes históricas ligadas a fatores econômicos, sociais e culturais. A Bolívia, país marcado por uma forte riqueza cultural andina, com tradições que envolvem línguas indígenas como o quéchua e o aimará, tem vivenciado intensos fluxos migratórios ao longo das últimas décadas, principalmente rumo às grandes capitais sul-americanas em busca de melhores condições de vida. São Paulo tornou-se um dos principais destinos dessas famílias, acolhendo comunidades que preservam seus costumes e organização comunitária, sobretudo em bairros como Brás e Pari.

No espaço escolar, as crianças chegam trazendo consigo repertórios culturais únicos, que se manifestam em suas formas de falar, brincar, vestir-se, alimentar-se e interagir. Esses modos de

viver, muitas vezes diferentes da cultura majoritária presente nas instituições brasileiras, revelam a riqueza e a diversidade que cada aluno carrega em sua bagagem pessoal e familiar.

O que poderia ser encarado como um desafio se transforma em uma oportunidade pedagógica valiosa quando o educador adota uma postura investigativa e aberta ao diálogo intercultural. Ao observar, escutar e compreender esses diferentes modos de ser e de estar, o professor enriquece sua prática e fortalece o vínculo com cada criança, promovendo um ambiente de respeito e acolhimento.

Em vez de tentar moldar a criança para se adaptar à cultura escolar dominante, a escola tem a chance de reconhecer que todos aprendem com a diversidade. Dessa forma, constrói-se um currículo vivo, plural e significativo, capaz de integrar saberes diversos e transformar o cotidiano escolar em um espaço de aprendizagem que valoriza as experiências de cada aluno. Nessa perspectiva, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a multiculturalidade e respeitem os diferentes modos de ser e viver. Ao tratar dos direitos de aprendizagem na Educação Infantil — como conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se —, o documento destaca que as experiências das crianças devem ser acolhidas e incorporadas às práticas educativas. Isso implica ir além de datas comemorativas ou atividades pontuais, promovendo ações contínuas e intencionalmente planejadas.

Para tanto, a escola pode criar projetos pedagógicos que envolvam a participação ativa das famílias imigrantes, convidando-as a compartilhar memórias, saberes e tradições. Uma mãe boliviana pode, por exemplo, apresentar uma receita tradicional de salteñas, ensinar cantigas de roda de sua infância ou mostrar fotografias de festas folclóricas como o Carnaval de Oruro. Esses momentos fortalecem a autonomia e o protagonismo das crianças, que passam a se reconhecer como sujeitos pertencentes àquela comunidade.

Outro caminho potente é a construção de cantos temáticos permanentes dentro da sala de aula, como um espaço de cultura latino-americana, com tecidos coloridos, instrumentos musicais típicos, livros bilíngues, bonecos representativos e mapas afetivos. Esse tipo de ambientação não apenas valoriza a cultura boliviana, como também incentiva a curiosidade espontânea das crianças brasileiras, que passam a interagir com os materiais de forma lúdica e investigativa, ampliando sua visão de mundo.

Além disso, práticas de contação de histórias com narrativas da tradição oral andina — como lendas sobre deuses da natureza, montanhas sagradas ou animais da Cordilheira dos Andes — favorecem a construção de vínculos afetivos e o respeito às ancestralidades. Tais narrativas podem ser exploradas por meio de diferentes linguagens: pintura, modelagem com argila, dramatizações e criação de paisagens coletivas. A arte, nesse contexto, assume um papel central como linguagem universal que conecta culturas e gera empatia entre as crianças.

Ao humanizar essas práticas, é essencial compreender que cada criança imigrante carrega uma história atravessada por sentimentos, viagens, rupturas e recomeços. Muitas chegam ao Brasil acompanhando os pais em jornadas longas e silenciosas, deixando para trás familiares, paisagens e

memórias. Na sala de aula, essas emoções nem sempre são verbalizadas, mas emergem nos desenhos, nas expressões faciais e nas escolhas durante as brincadeiras. Um olhar sensível do educador permite reconhecer esses sinais e criar espaços de acolhimento que respeitem o tempo de cada criança.

Em contextos reais observados na Educação Infantil paulista, é comum que crianças bolivianas inicialmente observem mais do que falem, participando timidamente das rodas de conversa. No entanto, quando a escola cria momentos em que sua cultura não aparece apenas como conteúdo “do outro”, mas como parte legítima do cotidiano, esses mesmos alunos começam a se expressar com orgulho: cantam músicas de sua infância, mostram palavras em espanhol ou quéchua aos colegas, compartilham lembranças de festas, sabores e brincadeiras da Bolívia. São gestos que transformam o ambiente, despertam a curiosidade do grupo e fortalecem laços de pertencimento.

Nesse processo, a escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de saberes e se transforma em um ambiente vivo de trocas culturais. Cada experiência passa a ter significado, e o aprendizado se torna mais próximo da realidade e das vivências das crianças, fortalecendo o vínculo entre conhecimento e vida cotidiana.

As possibilidades pedagógicas se ampliam quando o educador adota uma postura investigativa e se torna coautor das experiências, criando oportunidades para que as crianças sejam protagonistas de seu próprio aprendizado. Nesse cenário, o papel do professor se aproxima mais do de guia e mediador, incentivando a curiosidade e o envolvimento ativo dos pequenos.

Projetos de longa duração podem surgir a partir de perguntas genuínas feitas pelas próprias crianças, como “Como é a escola na Bolívia?”, “Que danças eles fazem lá?” ou “Que comidas as famílias de lá comem?”. Essas questões autênticas estimulam investigações mais profundas e conectam a curiosidade infantil a experiências pedagógicas concretas.

A partir dessas perguntas, diversas atividades podem ser desenvolvidas: rodas de conversa com famílias, produção de murais culturais, oficinas culinárias e visitas a feiras culturais latino-americanas. Cada ação fortalece a compreensão da diversidade cultural, promove a participação ativa e transforma a escola em um espaço de aprendizagem dinâmico, inclusivo e significativo. Essas vivências podem culminar em documentações pedagógicas — painéis visuais, portfólios, registros fotográficos acompanhados de falas das crianças — que valorizam não apenas o produto final, mas os processos, as descobertas e os afetos envolvidos. A documentação, nesse sentido, deixa de ser mero registro e passa a comunicar ao coletivo escolar e às famílias a importância da cultura boliviana como saber vivo, legítimo e necessário para pensar uma educação verdadeiramente intercultural.

Historicamente, muitas famílias bolivianas que chegam ao Brasil se inserem em trabalhos ligados ao setor têxtil, especialmente na região do Brás e Pari, onde redes de costura e oficinas se tornaram espaços de sobrevivência, mas também de resistência cultural. Apesar disso, não raro essas famílias enfrentam preconceito, xenofobia e condições de trabalho precárias — realidades que repercutem diretamente no emocional das crianças. Ao compreender esse contexto, o educador evita interpretações simplistas sobre comportamentos como timidez, silêncio ou dificuldade inicial de

interação, compreendendo-os como partes de um processo de adaptação que exige acolhimento genuíno.

Nessa perspectiva, a escola não pode limitar-se a celebrar a cultura boliviana apenas em datas festivas, sob risco de transformar a diversidade em um enfeite. É fundamental que a presença dessa cultura esteja incorporada ao cotidiano escolar, de modo contínuo, respeitoso e afetivo. Um exemplo potente é a criação de um “cantinho das memórias”, onde as crianças e suas famílias podem trazer objetos significativos — tecidos coloridos, pequenos instrumentos, fotografias, embalagens de alimentos típicos, bonecos com trajes tradicionais — construindo um espaço vivo, que se transforma conforme novas histórias chegam.

Outra possibilidade é organizar rodas bilíngues, nas quais palavras em espanhol e quéchua são trazidas pelas próprias crianças ou familiares, incentivando todas as crianças a explorar diferentes sonoridades de forma lúdica. Utilizar pequenas expressões do cotidiano — como “gracias”, “buenos días”, “vamos jugar?” — nas interações diárias reforça sentimentos de pertencimento e mostra que a língua materna das crianças imigrantes é bem-vinda, e não um obstáculo.

Projetos pedagógicos podem se desenvolver a partir de perguntas reais feitas pelas crianças, respeitando sua curiosidade e protagonismo. A partir de uma simples pergunta — como “Por que a bandeira da Bolívia tem essas cores?” ou “Como é a escola das crianças de lá?” —, o professor pode organizar investigações, buscar materiais visuais, convidar familiares para conversas e até promover pequenas vivências, como experimentar uma dança típica ao som de músicas andinas. Não como espetáculo para apresentação, mas como experiência compartilhada, em que todos aprendem e se reconhecem.

É importante destacar que, embora a presença boliviana nas escolas traga riqueza cultural, ela também evidencia desafios estruturais e sociais. O preconceito e a discriminação, muitas vezes sutis, podem se manifestar no dia a dia, seja na forma como as crianças são tratadas pelos colegas, seja na invisibilidade de suas culturas nos materiais didáticos ou nas dinâmicas escolares. A escola, como instituição social, corre o risco de reproduzir desigualdades e estereótipos se não adotar uma postura crítica e reflexiva sobre essas questões.

Ao reconhecer esse cenário, o educador assume um papel ativo na promoção da justiça social e da equidade. Isso significa observar, questionar e transformar práticas que silenciem ou padronizem as experiências das crianças imigrantes. A abordagem crítica implica analisar como o currículo, os livros, as atividades e até mesmo a linguagem usada no dia a dia podem reforçar ou desafiar preconceitos e desigualdades. Por exemplo, ao trabalhar conteúdos de história ou geografia, o professor pode incluir narrativas bolivianas ou latino-americanas que valorizem saberes locais, evitando representações estereotipadas ou folclorizadas.

Além disso, a análise crítica envolve compreender que as dificuldades de aprendizagem ou adaptação de algumas crianças podem estar relacionadas a fatores sociais e econômicos, e não apenas individuais. Situações de vulnerabilidade, separação familiar ou experiências de exclusão social afetam diretamente o desenvolvimento e a participação infantil. Portanto, práticas pedagógicas

humanizadas e intencionais não devem se limitar à celebração cultural, mas se estender à criação de ambientes seguros, inclusivos e atentos às múltiplas dimensões da vida das crianças.

Trabalhar com a cultura boliviana nesse contexto oferece uma oportunidade valiosa de formar crianças conscientes e empáticas. Desde cedo, elas aprendem a reconhecer e valorizar a diversidade que existe ao seu redor, desenvolvendo respeito e sensibilidade pelas diferentes culturas que compõem a sociedade.

A educação, nesse sentido, deixa de ser apenas neutra ou formal; ela se transforma em um espaço de resistência e de reflexão, onde práticas pedagógicas podem promover mudanças significativas na maneira como as crianças percebem o mundo e as relações humanas.

Dessa forma, a escola se torna um lugar de construção social e de justiça, onde cada criança tem o direito de se ver representada, ser ouvida e sentir que pertence. Trabalhar a cultura boliviana é, portanto, investir na formação de sujeitos capazes de conviver de maneira solidária, respeitosa e consciente em um ambiente diverso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, evidenciou-se que a inserção da cultura boliviana nas práticas pedagógicas da Educação Infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, indo muito além da simples transmissão de conteúdos acadêmicos. Ao propor experiências que aproximam os alunos de seus próprios contextos culturais, as práticas pedagógicas favorecem a construção de uma identidade sólida, fortalecem vínculos afetivos e promovem o reconhecimento e respeito pela diversidade que permeia o ambiente escolar. Atividades como a contação de histórias tradicionais, a exploração de músicas folclóricas, a confecção de elementos culturais e artesanais, a experimentação de receitas típicas e a valorização da língua materna representam estratégias concretas e significativas, que permitem às crianças vivenciar a cultura de maneira sensorial, afetiva e cognitiva, despertando curiosidade, imaginação e sentimento de pertencimento.

Ao envolver elementos culturais de maneira lúdica e interativa, a Educação Infantil oferece às crianças oportunidades de aprendizagem que ultrapassam o conteúdo formal, permitindo que desenvolvam competências socioemocionais essenciais. A empatia, o respeito ao outro, a colaboração e a capacidade de reconhecer diferenças são habilidades que se consolidam quando os pequenos experienciam culturas diversas e percebem que cada expressão cultural tem valor e significado. Nesse contexto, a cultura boliviana torna-se um instrumento pedagógico que estimula não apenas a compreensão do mundo, mas também a construção de relações mais humanas, respeitadas e conscientes, desde a primeira infância.

A participação das famílias e da comunidade escolar se mostra igualmente crucial para o sucesso dessas práticas. Rodas de conversa, apresentações culturais, oficinas colaborativas e eventos que envolvam pais, avós e membros da comunidade fortalecem os laços entre escola e lar,

valorizando saberes e vivências que muitas vezes permanecem à margem da rotina escolar tradicional. Quando as famílias percebem que suas histórias, tradições e práticas culturais são reconhecidas e celebradas, sentem-se parte integrante do processo educativo, contribuindo para uma experiência de aprendizagem mais rica e significativa. Essa aproximação também oferece aos educadores subsídios para compreender melhor o contexto de cada criança, possibilitando que a mediação pedagógica seja sensível às particularidades culturais e sociais de seu grupo.

Outro aspecto essencial destacado pelo estudo é a necessidade da formação continuada dos professores. O trabalho com a diversidade cultural requer preparo, reflexão e estratégias pedagógicas bem fundamentadas. Formação e capacitação profissional contínuas permitem que os educadores se sintam seguros e criativos ao implementar atividades que envolvam cultura boliviana, garantindo que as experiências sejam planejadas de forma intencional, consistente e articulada. Ao compreenderem o valor do patrimônio cultural e o papel da diversidade no desenvolvimento infantil, os professores podem mediar de forma eficaz o aprendizado, criando ambientes acolhedores, inclusivos e desafiadores, onde cada criança se sente reconhecida, ouvida e valorizada.

As práticas pedagógicas centradas na cultura boliviana oferecem um caminho rico para a aprendizagem interdisciplinar. Nesse contexto, diferentes áreas do conhecimento, como história, geografia, artes e ciências sociais, se conectam de maneira orgânica, proporcionando experiências de aprendizado mais significativas e integradas para as crianças.

Ao explorar músicas, danças e histórias típicas da cultura boliviana, os pequenos são convidados a observar, comparar e refletir sobre diferentes formas de expressão cultural. Essas atividades estimulam o pensamento crítico e contribuem para o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais, ao mesmo tempo em que despertam curiosidade e criatividade.

A confecção de artesanatos e a experimentação de receitas tradicionais, por sua vez, transformam o aprendizado em uma experiência prática e sensorial. Através do toque, do paladar e da observação, as crianças vivenciam conhecimentos de maneira concreta, fortalecendo conexões entre o que aprendem e o mundo à sua volta.

Além disso, essas experiências permitem que as crianças reconheçam a riqueza e a diversidade cultural presente em sua própria comunidade e em diferentes partes do mundo.

Elas aprendem que cada cultura possui singularidades valiosas, dignas de respeito e preservação, ampliando seus horizontes e promovendo uma compreensão mais profunda da convivência intercultural.

No campo socioemocional, os resultados observados indicam que a valorização da cultura boliviana contribui para a formação de crianças mais confiantes e empáticas.

O contato com tradições, expressões artísticas e histórias de vida diferentes daquelas que vivenciam diariamente estimula a curiosidade, o diálogo, a reflexão e a solidariedade. Ao reconhecerem e celebrarem a diversidade cultural, as crianças aprendem a se colocar no lugar do outro, a valorizar a diferença e a compreender que cada indivíduo traz consigo experiências, valores e saberes que merecem ser respeitados e celebrados. Esse aprendizado precoce é determinante

para a construção de cidadãos conscientes, tolerantes e socialmente responsáveis, capazes de conviver harmoniosamente em sociedades pluralistas.

Portanto, a valorização da cultura boliviana na Educação Infantil revela-se como uma prática transformadora, que contribui para a formação integral das crianças. Ao promover o respeito, a empatia, a inclusão e o pertencimento, essas experiências culturais não apenas enriquecem o processo de aprendizagem, mas também fortalecem a identidade, o vínculo com a comunidade e o reconhecimento do outro. A educação que integra cultura, história e tradição prepara crianças para uma convivência mais justa, consciente e colaborativa, lançando as bases para uma sociedade que valoriza a diversidade como um patrimônio coletivo.

Em síntese, este estudo reforça que a integração da cultura boliviana no cotidiano escolar não é apenas uma estratégia pedagógica, mas um compromisso ético e social com a formação de cidadãos críticos, solidários e culturalmente sensíveis. Ao proporcionar experiências que unem aprendizagem acadêmica e desenvolvimento socioemocional, a escola se torna um espaço de acolhimento, pertencimento e reconhecimento, capaz de transformar vidas e fortalecer a diversidade como um bem precioso para toda a comunidade educativa. A promoção dessas práticas deve ser contínua e intencional, garantindo que cada criança tenha a oportunidade de crescer e aprender em um ambiente que respeita e celebra suas origens, suas tradições e sua identidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. Lei Nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003. Altera a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a temática de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 22 abr. 2020.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2025.
- CANDAU, Vera Maria. Educação e diversidade cultural: desafios teóricos e práticos. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CAVALLEIRO, Eliane. Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Currículo da cidade: Educação Infantil. São Paulo: SME/COPED, 2019.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Currículo da cidade: povos migrantes: orientações pedagógicas. São Paulo: SME/COPED, 2021.

PAIVA, Aparecida. A cultura boliviana: manifestações e identidade na América Latina. São Paulo: Cortez, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília, DF: MEC/SEB/Dicei, 2013.